

19

# *APONTAMENTOS*

*de Arqueologia e Património*

ABR 2026

**NA**

NÚCLEO  
DE INVESTIGAÇÃO  
ARQUEOLÓGICA

**ERA**  
ARQUEOLOGIA

# ***A**PONTAMENTOS*

*de Arqueologia e Património*

19

ABRIL

2026



## ÍNDICE

EDITORIAL .....	07	Cláudia Maio, Ana Rita Silva, Tiago Nunes, Rita Dias, Lucy Shaw Evangelista A POPULAÇÃO DE VILA NOVA DE PORTIMÃO DO SÉCULO XVI-XVII: OS RESULTADOS DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA DO ADRO DA IGERJA DA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO .....	63
Rui Ramos ANTA 2 DO ZAMBUJAL (MONTEMOR-O-NOVO): RESULTADOS DA ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA .....	09	Victor M. Gonçalves González, Raquel Fernandes ENTRE MUSEOGRAFIA E CONSERVAÇÃO: DESMONTAGEM DE SISTEMAS EXPOSITIVOS RÍGIDOS EM PAINÉIS DE AZULEJARIA ISLÂMICA DO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN .....	71
António Carlos Valera O RECINTO DE FOSSES DE SÃO BRÁS 3 (SERPA) E O SEU CONTEXTO PERIFÉRICO À LUZ DAS ESCAVAÇÕES DE 2025 (PROJECTO <i>NUCLEUS</i> ) .....	15	Joana Fanico, Patrícia Mestre ENTRE ESTÉTICA E MATÉRIA: UMA INTERVENÇÃO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO NO TETO DO SALÃO NOBRE DO PALÁCIO MARQUÊS DE POMBAL .....	79
Helena Gomes, Ana Rita Silva, Manuel Fialho Silva Rita Dias, Lucy Shaw Evangelista VESTÍGIOS DE UMA POSSÍVEL NECRÓPOLE ISLÂMICA NO NÚCLEO HISTÓRICO DE LAGOS: DADOS ARQUEOLÓGICOS E ANTROPOLÓGICOS .....	33	Mara Beatriz Agosto AGAISNT (A SOLELY) HUMAN PAST: DEEP ECOLOGY AND ITS CONSEQUENCES FOR ARCHAEOLOGICAL THOUGHT IN A MULTISPECIES ANTHROPOCENE .....	89
Anabela Sá, Ever Calvo CASTELO E FORTALEZA DE JUROMENHA: UMA PRIMEIRA ABORDAGEM À INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO ÂMBITO DO PROJECTO DE CONSERVAÇÃO, RESTAURO E RECONSTRUÇÃO DAS SUAS MURALHAS .....	43		
Cláudia Maio, Diana Dinis, Lucy Shaw Evangelista UM CASO DE AMPUTAÇÃO NA RUA ANTÓNIO LOURO, SÃO DOMINGOS DE RANA .....	57		



## EDITORIAL

*“Vemos, ouvimos e lemos. Não podemos ignorar.”  
[Cantata da Paz, Sophia de Mello Breyner Andresen]*

*Dizia há tempos Slavoj Žižek que nos estamos a colocar à margem dos processos de investigação, escrita e leitura. Sublinhava que cada vez mais se vai pedindo à Inteligência Artificial (IA) que faça a recolha e análise de dados, que escreva o artigo, para que alguém a seguir, em vez de o ler, lhe peça para fazer um resumo do mesmo. Em suma, vamos abreviando e paradoxalmente exteriorizando às nossas produções. A uma “morte do autor” (que não a de Roland Barthes) junta-se agora também a morte do leitor. Ou melhor, autor e leitor são o mesmo.*

*Também há dias José Pacheco Pereira, no Público, distinguia uma velha ignorância, baseada na insuficiente escolaridade e baixa qualificação profissional, de uma nova ignorância, de gerações escolarizadas, mas iludidas e progressivamente desumanizadas pelo fascínio tecnológico de contornos patológicos. Um pouco antes, académicos reclamavam a expulsão da IA do ensino universitário.*

*Do outro lado a visão oposta. “Artificial intelligence (AI) is changing the research landscape through automation, data analysis, and better decision-making in various ways that are of immense help to researchers in conquering obstacles and accelerating their discoveries. From literature search to data analysis, to design experiments and manuscript writing, AI-powered tools using robotics, machine learning (ML), and natural language processing (NLP) go a long way in facilitating easy research. Technology enhances efficiency by summarizing articles, recommending publications, and pointing researchers in the right path. [...]. Training and supporting policies are needed for skill shortages and to surmount resistance to change in order for full utilization of AI in research.” (Madanchian, M.; Taherdoost, H., 2025, The impact of artificial intelligence on research efficiency, Results in Engineering.26).*

*É fácil ver vantagens imediatas na IA, sobretudo ao serviço do mais, mais depressa, mais eficiente, mais barato. No entanto, programas internacionais de avaliação de conhecimentos estão a registar, desde 2010, um declínio na nossa capacidade de utilizar competências cognitivas, com uma erosão do raciocínio, da memória e da concentração provocada pela submissão tecnológica.*

*António Carlos Valera*

# O RECINTO DE FOSSOS DE SÃO BRÁS 3 (SERPA) E O SEU CONTEXTO PERIFÉRICO À LUZ DOS RESULTADOS DAS ESCAVAÇÕES DE 2025 (PROJECTO *NUCLEUS*)

António Carlos Valera<sup>1</sup>

## **Resumo:**

Este é o primeiro texto produzido no âmbito do projecto “NUCLEUS – Arquitectura e biografia do centro de um recinto de fossos (S.Brás 3, Serpa)”, no qual se reportam os resultados da primeira campanha de escavações realizadas no recinto de fossos de São Brás 3 e da conclusão do levantamento geofísico. São apresentados os contextos intervencionados, as estratigrafias registadas e uma análise dos materiais arqueológicos recolhidos. São ainda abordados os primeiros resultados do programa de datações absolutas a desenvolver no sítio e a contextualização deste no povoamento local, analisando algumas das relações com sítios coevos da sua periferia imediata.

## **Abstract:**

### **The ditched enclosure of São Brás 3 (Serpa) and its peripheral context in light of the 2005 excavation results (Project NUCLEUS).**

This is the first text produced within the scope of the project “NUCLEUS – Architecture and biography of the centre of a ditch enclosure (S.Brás 3, Serpa)”, in which the results of the first excavation campaign carried out in the ditch enclosure of São Brás 3 and the conclusion of the geophysical survey are reported. The contexts involved, the stratigraphies recorded, and an analysis of the archaeological materials collected are presented. The first results of the absolute dating program to be developed at the site and its contextualization within the local settlement are also addressed, analysing some of the relationships with contemporary sites in its immediate periphery.

## **1. Introdução.**

Em Setembro de 2025 decorreu a primeira campanha de escavações do recinto de fossos pré-histórico de São Brás 3, no concelho em Serpa, realizadas no âmbito do projecto “NUCLEUS – Arquitectura e biografia do centro de um recinto de fossos (S.Brás 3, Serpa)”, cujos objectivos genéricos se focam na caracterização e compreensão das formas de ocupação da área central do sítio, conforme já anteriormente publicado (Valera, Pereiro, 2025). Estes trabalhos, realizados pelo Núcleo de Investigação Arqueológica da ERA Arqueologia S.A. e contando com o apoio financeiro e logístico do município de Serpa, incidiram num espaço deixado livre no âmbito da recente reconversão agrícola para a plantação de um olival intensivo, precisamente para que a investigação arqueológica se pudesse realizar num espaço adjacente a um pivô de rega. Nesta área procedeu-se à abertura de três sondagens: as sondagens 4 e 5 implantadas na área deixada por plantar e a sondagem 3 implantada já no interior da área do pivô de rega (Figura 4).

Os objectivos passaram por caracterizar o fosso do recinto mais interior do complexo identificado na geofísica e começar a abordar a estrutura que forma uma espécie de corredor ou alameda com orientação genérica Este – Oeste que liga ao recinto central, assim como confirmar a presença e características superficiais de um segundo fosso concêntrico ao primeiro. Simultaneamente, procedeu-se à conclusão do levantamento geofísico do recinto, com a prospecção da área ainda em falta situada mais a leste.

No âmbito desta campanha foi igualmente iniciado um programa de datações de radiocarbono para o sítio, tendo sido obtidas dez datas para quatro estruturas distintas, e cujos resultados aqui se apresentam e discutem.

---

<sup>1</sup> Era Arqueologia / ICArEHB ([antoniovalera@era-arqueologia.pt](mailto:antoniovalera@era-arqueologia.pt)); ICArEHB-U.Alg.

## 2. Localização de São Brás 3

O complexo arqueológico de São Brás 3 localiza-se administrativamente no concelho de Serpa, distrito de Beja, ao lado esquerdo da estrada municipal 514 na direcção de Serpa para o Pulo do Lobo. As coordenadas do seu ponto central são: X: 45980 Y: -195866 Z: 186m (Figura 1).

O sítio situa-se numa vertente virada a Sul / Sudoeste, estando o seu centro numa zona onde a topografia regista uma ligeira rechã (Figura 2). A sua visibilidade sobre a paisagem é, assim, orientada para o quadrante Sul, estando restrita por horizontes locais para os restantes quadrantes, não oferecendo condições naturais de defesa ou de grande controlo visual sobre a paisagem envolvente.

O recinto é atravessado sensivelmente a meio por uma linha de água de orientação Norte – Sul, sendo o substrato geológico constituído pelos Gabros de Beja em estado de grande alteração, gerando uma cobertura superficial constituída por caliços e solos bastante argilosos e pesados. Estes, na área das sondagens, têm uma espessura de cerca de 50cm.

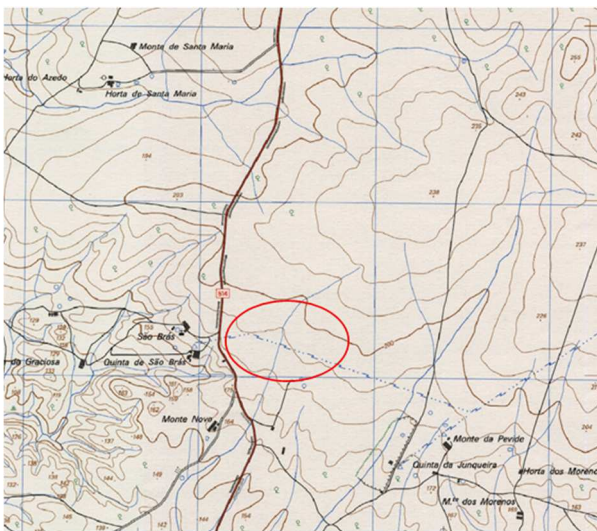


Figura 1 - Localização do recinto de fossos de São Brás 3 na Carta Militar de Portugal, 1:25000, fl. 532.

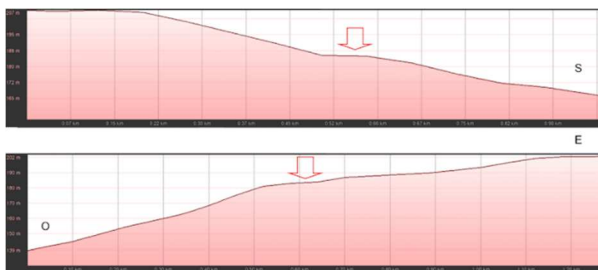


Figura 2 – Perfis topográfica da implantação do complexo de recintos de São Brás 3, onde se observa uma ligeira elevação/rechã que corresponde à área central.

## 3. A conclusão da prospecção geofísica

O levantamento parcial do recinto de fossos de São Brás 3 já havia sido realizado em duas fases, com resultados e interpretações já publicados (Valera, Pereira, 2025). Tinha ficado por concluir cerca de 1/3 do lado Este, área que foi agora prospectada, utilizando o equipamento ENSYS MULTICHANNEL CARRIER TYPE F, com 5 sensores de 1m de comprimento, separados por 0,5m (Idem).

A área agora prospectada permitiu abranger a totalidade dos recintos definidos pelos fossos mais externos, confirmando que os mesmos desenham uma planta genericamente elipsoidal, com uma aparente entrada virada a Este, a 90°, ou seja, orientada aos equinócios. Nesta área, é ainda de destacar, no quadrante Sudeste da elipse, uma aparente rarefacção de estruturas negativas no interior dos recintos e uma significativa concentração de fossos junto aos fossos e pelo exterior destes. Este levantamento geofísico possibilita calcular a área máxima delimitada por fossos em São Brás 3 em cerca de 6.7ha, com cerca de 320m de diâmetro maior, por 240m de diâmetro menor (Figura 3).

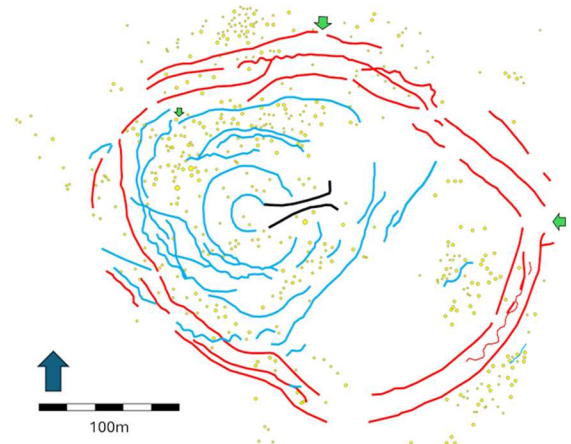
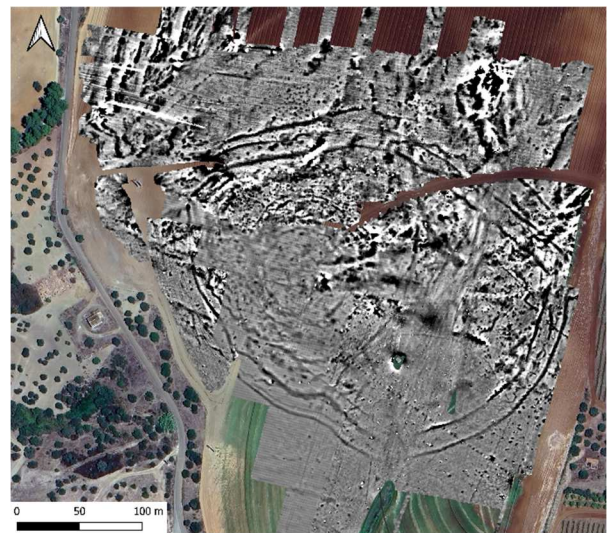


Figura 3 – Magnetograma completo de São Brás 3 e respectiva interpretação, com diferenciação dos recintos mais externos de planta elipsoidal e dos mais internos de tendência circular.

#### 4. As sondagens de 2025

Na campanha de 2025 foram realizadas três sondagens, uma implantada sobre o fosso mais interior (Fosso 1), no seu trajecto mais a norte, outra sobre o trajecto oeste do Fosso 2, que aparentemente envolve o primeiro de forma concêntrica, e uma terceira na ligação do Fosso 1 ao arranque da estrutura de tipo corredor/alameda, que, na imagem proporcionada pela geofísica, se desenvolve deste fosso para Este (Figura 4).

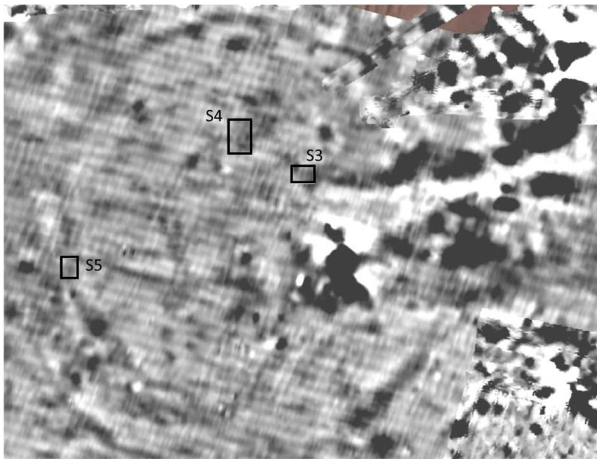


Figura 4 – Localização das sondagens na área central do magnetograma.

##### 4.1. Sondagem 5

A Sondagem 5 correspondeu a uma área de  $3 \times 3.5 = 10.5 \text{m}^2$ , com as seguintes coordenadas: X: 45950 Y: -195885; X: 45953 Y: -195885; X: 45950 Y: -195889; X: 45953 Y: -195889.

A interpretação do magnetograma foi confirmada, tendo-se identificado um troço de fosso [501] (Fosso 2) com orientação Norte – Sul, onde a boca apresenta uma largura máxima de 2.20m. O topo deste fosso é preenchido pelo depósito [502], ao centro do qual foi realizado um “recut” [503] longitudinal ondulante com cerca de 0.85m de largura máxima, preenchido por um aglomerado de pedras e fragmentos cerâmicos numa matriz argilosa [502]. Trata-se de um procedimento identificado com frequência noutros recintos de fossos, como Perdigões, Santa Vitória, Horta Nova 4 ou Bela Vista 5 (Valera, 2014; 2018, 2026; Valera *et al.*, 2017; Valera, Basílio, 2023).

Do lado Este a parede do fosso foi definida em toda a área da sondagem, apresentando um traçado sinuoso. Já do lado Oeste o limite do fosso está cortado em dois lados por estruturas negativas, a mais a sul preenchida pelo depósito [530] e a mais a norte pelo depósito [520]. A natureza destas estruturas não foi ainda definida (Figura 5).

De todos estes depósitos, apenas o [502] foi decapado para definir o aglomerado pétreo, que, contudo, não foi levantado. A sondagem foi depois coberta com plástico e terra, prevendo-se a intervenção no fosso para a próxima campanha a realizar no âmbito do projecto.

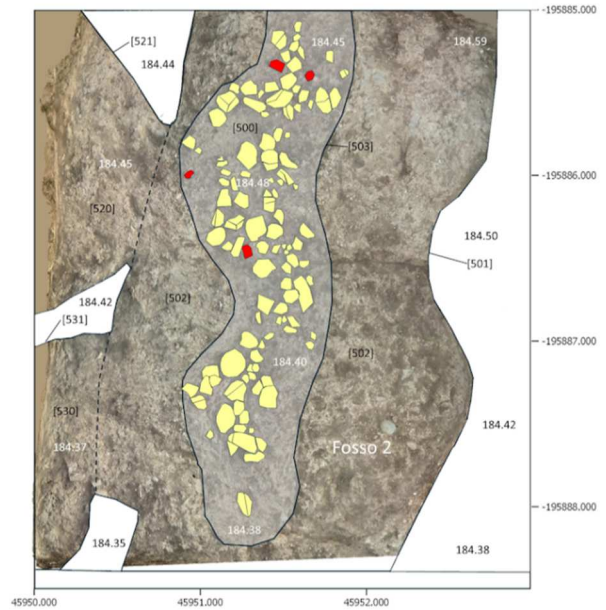


Figura 5 – Plano do topo do Fosso 2 na Sondagem 5.

##### 4.2. Sondagem 3

A Sondagem 3 correspondeu a uma área de  $3 \times 4 = 12 \text{m}^2$ , com as seguintes coordenadas: X: 45990 Y: -195869; X: 45994 Y: -195869; X: 45990 Y: -195872; X: 45994 Y: -195872.

Nesta sondagem, como na anterior, o depósito de cobertura revolvido pela agricultura mecanizada, com cerca de 50cm de espessura, prolongava-se até ao geológico, onde se registavam sulcos de arado, tendo toda a área da sondagem sido aberta com meios mecânicos.

Nela foi identificado um outro troço do Fosso 1, que claramente se desenvolve na sequência do troço registado na Sondagem 4 (ver adiante). Foi ainda definida parte do que se interpreta como o arranque do lado norte de um corredor/alameda que, como observado no magnetograma, conduz ao recinto central definido pelo Fosso 1. Estes contextos foram sobretudo definidos ao nível do topo do geológico.

O Fosso 1 [300] parecia inicialmente terminar com um significativo estreitamento. Contudo, a escavação desse estreitamento revelou que o mesmo não existia, mas apenas que a metade Este do topo do fosso estava coberta por uma camada de areão de geológico muito compactada, o que dava inicialmente a sensação do estreitamento do fosso. Na realidade, este mantém a largura genérica ao longo do traçado exposto nesta sondagem.

No extremo Este foi identificado um outro corte no geológico (Sanja 1 – [304]), o qual se prolonga para Norte, Sul e Este, e que corresponderá ao arranque do lado norte da estrutura tipo corredor/alameda que se observa na geofísica. No topo era preenchido pelo depósito [305], o qual apresentava no lado norte, e entrando pelo corte, aquilo que parece ser a extremidade de um “recut” [308] preenchido por um depósito

alaranjado muito argiloso [306] que englobava grandes fragmentos de recipientes cerâmicos. Quanto ao depósito [305], foi escavado numa área de cerca de 1.2m, verificando-se que se sobrepunha a um outro depósito argiloso [307], não escavado. Finalmente, na área entre a Sanja 1 e o Fosso 1 foi identificado um aglomerado pétreo [309], o qual parece ser o topo do enchimento de uma possível fossa, a qual não foi ainda escavada.



Figura 6 – Ortofotografia do plano do topo da Sanja 1 e do Fosso 1 na Sondagem 3.

#### 4.3. Sondagem 4

Na Sondagem 4 foi aberta uma área de  $4 \times 6 = 24\text{m}^2$ , com as seguintes coordenadas: X: 45979 Y: -195867; X: 45983 Y: -195867; X: 45983 Y: -195861; X: 45979 Y: -195861.

Uma vez mais, como nas anteriores sondagens, o depósito de cobertura revolido pela agricultura mecanizada prolongava-se até ao geológico, onde se registavam vários sulcos de arado, tendo também toda a área da sondagem sido aberta com meios mecânicos. Nela foram identificadas várias estruturas negativas, a saber: um troço do Fosso 1 que delimita o recinto mais interior do sítio, cinco fossas, das quais três pelo exterior do fosso (Fossas 2, 3 e 4) e duas outras pelo interior (Fossas 1 e 5). No recanto noroeste da sondagem foi ainda registada uma pequena depressão no geológico, aparentemente de origem natural, com um único depósito de preenchimento. Esta foi a única sondagem onde a intervenção nas estruturas detectadas foi concluída.

#### 4.3.1. Fosso 1

O Fosso 1 corresponde ao fosso mais interno identificável no levantamento geofísico. Nesta sondagem desenvolve-se num sentido Oeste-Este, ou seja, corresponde à parte norte do traçado do recinto. Na área abrangida pela escavação apresenta um trajecto linear, para depois se começar a abrir, tanto para Nordeste como para Sudeste, apresentando uma largura de 2.5m junto ao corte Este. Sobrepondo a sua planta nesta sondagem ao magnetograma, parece que este alargamento do fosso corresponde ao início de uma bifurcação, com um traçado mais a Sul (continuado na Sondagem 3) e outro que se desenvolve ligeiramente mais a norte (Figura 7), situação a esclarecer no futuro.

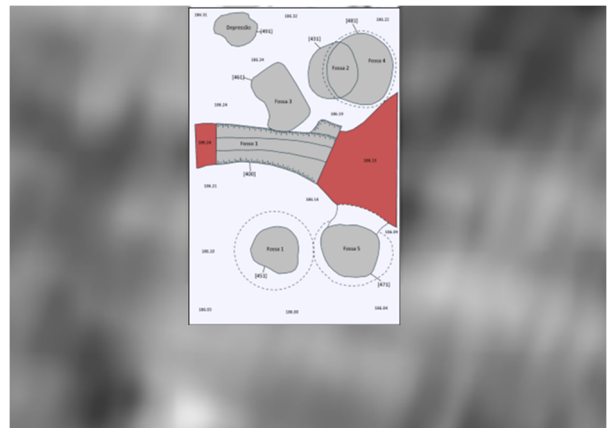


Figura 7 – Implantação da planta da Sondagem 4 sobre excerto da imagem de geofísica, sendo visível uma aparente bifurcação do Fosso 1.

A secção escavada no fosso foi implanta imediatamente antes da bifurcação, tendo uma extensão de 2,20m de comprimento. Nesta secção o fosso apresentava uma largura de 0,90m no extremo Oeste e 1,16m no extremo Este, uma largura na base entre 0,20 e 0,22m, variando a profundidade de Oeste para Este entre 1 e 0.90m, apresentando um perfil trapezoidal (Figura 8).



Figura 8 – Perfil do Fosso 1 na Sondagem 4.



Figura 9 – Sequência dos planos da escavação do Fosso 1 e respectiva Matriz de Harris (a laranja momentos de deposições de aglomerados péticos, com cerâmicas e faunas).

Neste troço de fosso registou-se um enchimento composto por 12 depósitos (Figura 9) dos quais 5 correspondem a aglomerações de pedras com fragmentos cerâmicos e faunas. A descrição é feita do topo para a base.

O topo era preenchido por um depósito castanho e argiloso [401]. Cobria o depósito [404], cinzento e mais compacto, que do seu lado Este se sobrepunha a um primeiro aglomerado de pedras de médias dimensões [402] (Figura 9: 1), enquanto do

lado Oeste cobria o depósito [403], castanho, argiloso e com nódulos de calço. Já o depósito [403] cobria o [405], mais alaranjado ao centro e esbranquiçado a Este (Figura 9:2), onde cobria uma camada de calço [407] (Figura 9:3), resultado da erosão da parede Norte do fosso nessa área, e que deixou um abaulamento junto ao topo da mesma.

Seguia-se um novo episódio de deposição de um aglomerado pétrico com pedras de médias dimensões [406] (Figura 9:3), o

qual se sobrepunha a dois outros, com pedras de mais pequenas dimensões, cerâmicas e fauna: o [408] abrangendo a maioria da área sondada e o [409] no extremo Este (Figura 9:4). Estes aglomerados cobriam o depósito [410], castanho alaranjado de grão fino, o qual se sobrepunha a novo aglomerado pétreo horizontalizado [411], com faunas e cerâmica (Figura 9 5). Este assentava em novo depósito alaranjado de grão fino, o qual preenchia a base do fosso, que se apresentava estreita e aplanada (Figura 9:6), com uma ligeiríssima pendente de Este para Oeste.

No lado Este o fosso começava a alargar ligeiramente, correspondendo ao início da possível bifurcação acima referida.

#### 4.3.2. Fossa 1

Trata-se de uma das duas fossas intervencionadas no lado interno do Fosso 1, situada a meio da sondagem do lado Sul. Apresenta um plano circular e um perfil em “saco” com ligeiro estrangulamento na boca.

A zona do estrangulamento da boca era preenchida por dois depósitos, [450] e [453], o segundo dos quais envolvia um aglomerado de pedras de médias dimensões [452]. Este aglomerado assentava no depósito [454], que por sua vez cobria o depósito [455], cinzento, húmido e relativamente solto, que preenche os dois primeiros terços da fossa, tendo fornecido abundante material. Esta fossa apresenta 92cm de diâmetro na zona do estrangulamento da boca, 160cm de diâmetro máximo ligeiramente acima da base e uma profundidade de 113cm (Figura 10).

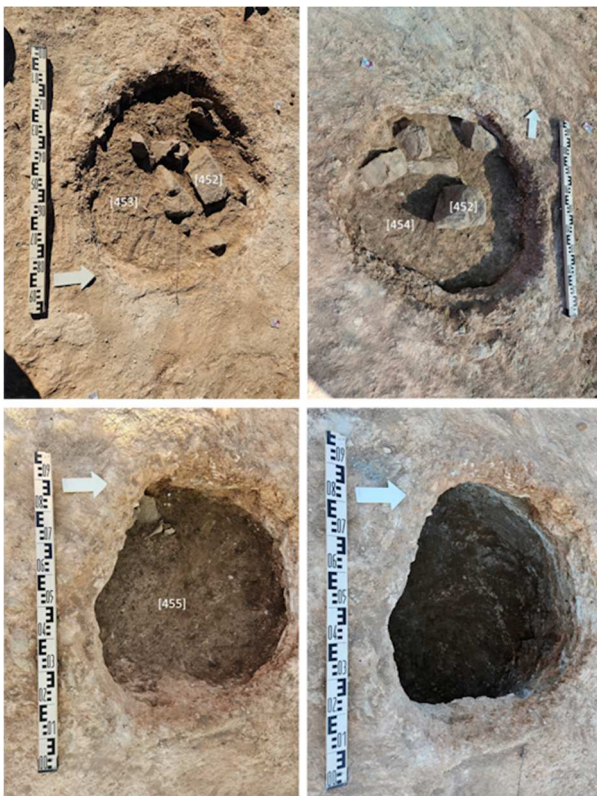


Figura 10 – Sequência da escavação da Fossa 1.

#### 4.3.3. Fossa 2

A Fossa 2 situa-se no lado Norte da sondagem e cortou em parte a Fossa 4, estando ambas as fossas pelo exterior do Fosso 1, no recanto NE da sondagem (Figura 11).

O seu enchimento era composto por 5 depósitos. No topo observa-se um aglomerado pétreo [432] que preenchia o lado Sul, sendo o lado Norte preenchido pelo depósito [430]. Estes cobriam o depósito [433], que por sua vez cobria o depósito [434] com algumas pedras de médias dimensões. Por último, a base da fossa era preenchida pelo depósito [435]. Trata-se de uma fossa de plano circular e perfil sub-rectangular (fossa cilíndrica), com 109cm de diâmetro e 51cm de profundidade.



Figura 11 – Sequência da escavação da Fossa 2.

#### 4.3.4. Fossa 3

A Fossa 3 situa-se igualmente a Norte e pelo exterior do Fosso 1, junto ao seu rebordo, e apresenta uma planta sub-rectangular. Tem 118cm de comprimento por 70cm de largura e 20cm de profundidade (Figura 7).

Era preenchida por dois depósitos sobrepostos, [46] e [462], o primeiro castanho avermelhado muito compacto e argiloso e o segundo igualmente argiloso, mas com grão de geológico. Forneceu poucos materiais, sendo estes predominantemente de fauna mamalógica.

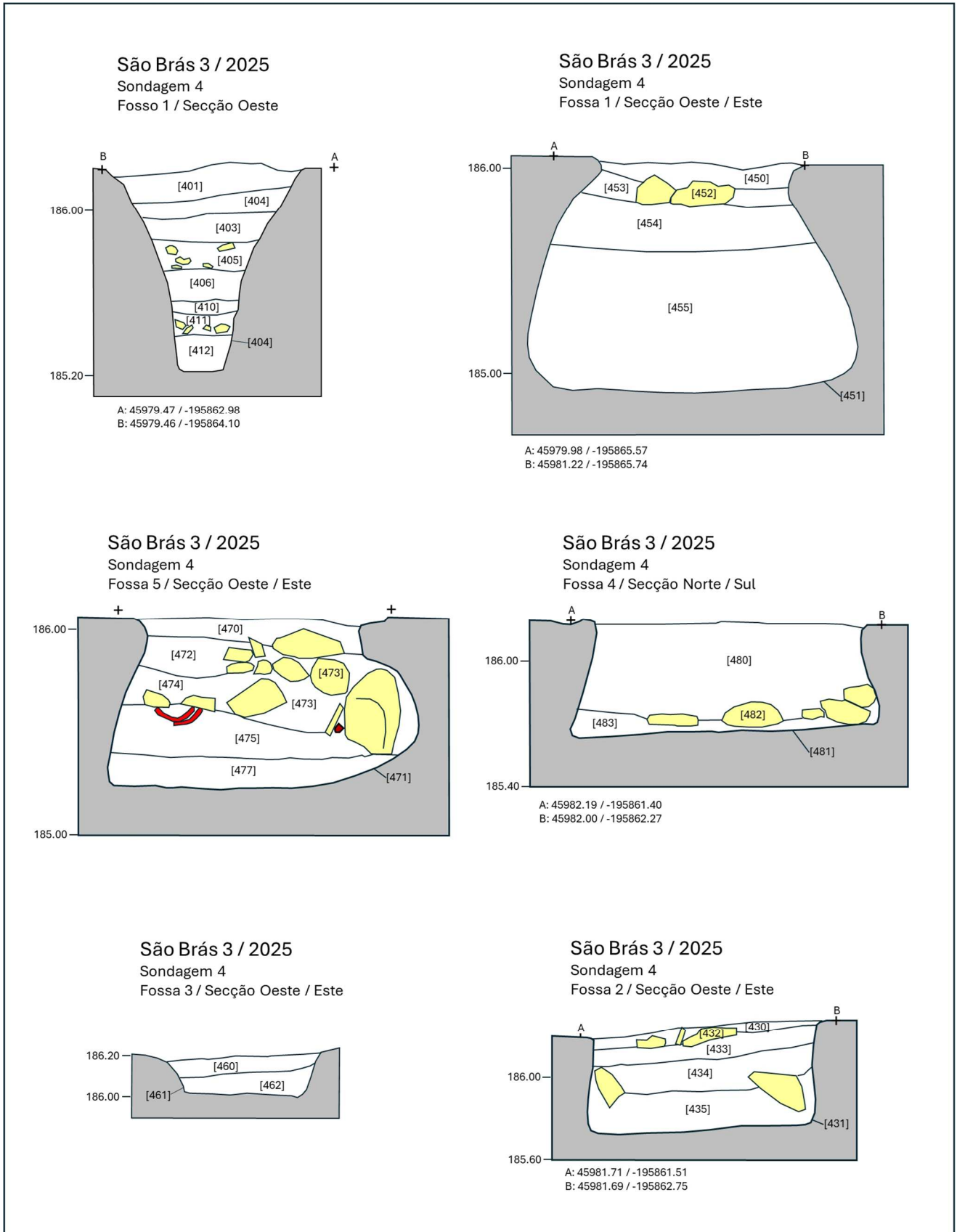


Figura 12 – Secções das estruturas escavadas na Sondagem 4: Fosso 1 e Fossas 1 a 5.

#### 4.3.5. Fossa 4

A Fossa 4 está localizada no recanto Nordeste da sondagem, pelo exterior do Fosso 1 e é cortada a Oeste pela Fossa 2. Apresenta um plano circular e uma secção trapezoidal (fossa em tronco de cone). Era preenchida desde o topo por um espesso depósito [480] que a abrangia quase na totalidade. Este depósito cobria um aglomerado de pedras de médias e pequenas dimensões [482] com restos faunísticos, o qual assentava num fino depósito [483] que preenchia a base da fossa. Tem um diâmetro de 120cm na boca, de 140cm na base e uma profundidade de 50cm (Figura 13).



Figura 13 – Fossa 4, depósito [482].

#### 4.3.6. Fossa 5

A Fossa 5 é a segunda que se localiza pelo interior do Fosso 1, junto ao corte Este da sondagem. Está muito próxima da zona de aparente bifurcação do fosso e apresenta uma ligação em túnel ao trajecto deste para Sudeste. O seu preenchimento é o mais complexo entre as fossas intervencionadas. Tem plano subcircular e perfil em “saco” irregular devido a uma reentrância do lado Este. A boca tem um diâmetro de 100cm, a base um diâmetro de 112cm e uma profundidade de 80cm, sendo que a reentrância a Este mede 22cm. A zona do túnel não foi escavada.

O seu topo era preenchido por um depósito [470] que integrava grande quantidade de pequenas pedras, fragmentos cerâmicos e restos faunísticos, entre os quais uma falange e dentes de equídeo. Este depósito, na metade Oeste da fossa, cobria já o topo de um grande aglomerado pétreo [473], enquanto na metade Este cobria o depósito [472] e este o depósito [474], sendo que ambos envolviam o referido aglomerado de grandes pedras [473], o qual revelou integrar vários fragmentos de grandes elementos de moagem inteiros ou fragmentados. O depósito [474] apresentou, na sua base, uma concentração de pequenos seixos rolados (Figura 14)..

Removida grande parte destas pedras, e começando a escavar o depósito subjacente [475] observou-se a existência de uma reentrância na parede Este da fossa, onde estavam encaixados dois grandes fragmentos de dormentes de mó manual (um deles duplo), em frente dos quais se havia

depositado uma haste de cervídeo e, à frente desta, grandes fragmentos de quatro recipientes fracturados *in situ*. Trata-se dos únicos fragmentos de grandes dimensões recuperados na escavação de 2025. Um, localizado em frente ao túnel de ligação ao fosso, corresponde a mais de dois terços de um grande recipiente troncocónico, enquanto os restantes correspondem a fragmentos de três vasos da mesma tipologia (grandes tigelas fechadas). É interessante notar que dois desses fragmentos se encontravam depositados com um sobre o outro, mas com orientação inversa dos respectivos bordos (Figura 15).

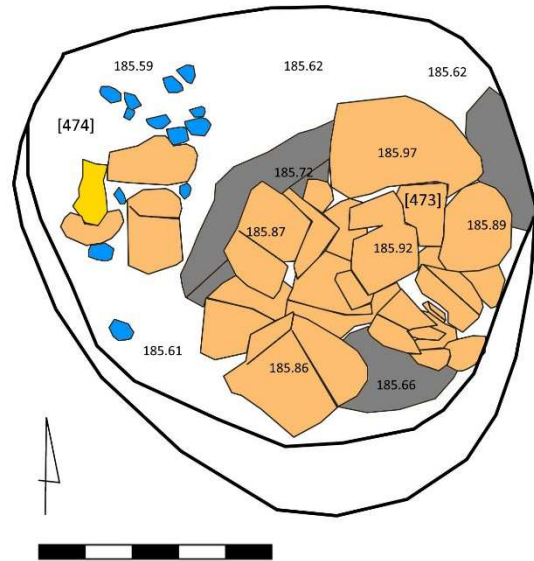


Figura 14 – Plano da [474], com concentração de seixos rolados (azul), e do aglomerado pétreo [473].

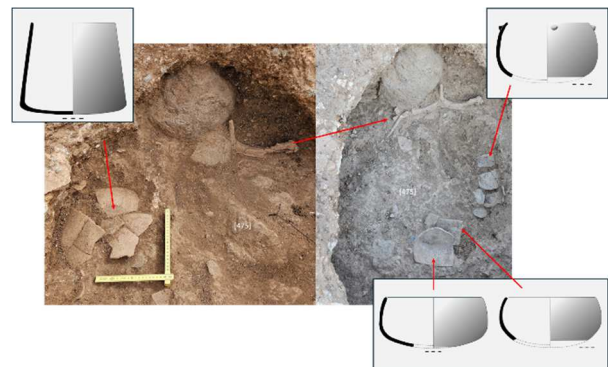


Figura 15 – Depósito [475], sendo visível a deposição da haste de cervídeo em frente a um dos grandes dormentes encaixado na reentrância da parede da fossa e as deposições dos grandes fragmentos de recipientes cerâmicos.

A escavação da [475] expôs por completo os dois grandes dormentes encaixados na parede da fossa, o depósito que preenchia a base da fossa [477] e o túnel de ligação ao fosso, cujo tecto havia abatido, conservando-se sob esse abatimento um depósito que preenche essa ligação [476], e que

apresenta um pequeno escorrimento para o interior da fossa no lado Este. A remoção dos depósitos de base expôs por completo o túnel de ligação e a reentrância da parede Este.



Figura 16 – Base da Fossa 5, sendo visível o túnel de tecto abatido de ligação ao Fosso 1 e dois grandes fragmentos de dormentes de mó encaixados na parede Este da fossa.

## 5. Materiais arqueológicos

Os materiais registados durante a campanha de 2025 correspondem a diferentes categoriais artefactuais, a saber: recipientes cerâmicos (vasos e colher), elementos de tear, pedra talhada, pedra polida, elementos de moagem, artefactos ideotécnicos e argilas de construção. A esta componente artefactual junta-se uma grande quantidade de restos de fauna mamalógica e alguma, pouca, fauna malacológica. Embora conhecidos através de antigas recolhas de superfícies, nesta campanha não foram registados materiais das categorias de metalurgia do cobre, adorno e restos osteológicos humanos.

### 5.1. Recipientes cerâmicos

No que respeita à categoria dos recipientes cerâmicos, foram recolhidos nas três sondagens 3392 fragmentos, dos quais 498 são peças classificáveis (bordos, carenas, bases, mamilos/pegas, etc.). No total, estes fragmentos pesam 78.713 Kg.

A sua distribuição pelas sondagens, naturalmente, desigual não permitindo o mesmo tipo de análise. Contudo, para a Sondagem 4, onde a escavação das fossas e da secção realizada no Fosso 1 foram concluídas, é possível fazer uma análise mais fina por estrutura, nomeadamente das que fornecem mais materiais (deixando de fora a Fossa 3, que proporcionou apenas um total de 15 fragmentos).

Assim, e no que respeita às fossas, na Fossa 1 temos um total de 266 fragmentos, com um peso total de 5.219kg, o que dá uma média de 29.2g por fragmento. Destes, 453 são bojos e 88 são fragmentos classificáveis, correspondendo estes últimos a 16.3% do total de fragmentos cerâmicos nesta fossa. Na Fossa 2, entre 266 fragmentos com um peso de 5.219kg e 19.6g de média por fragmento, 230 são bojos e 36

são classificáveis (13.5%). Na Fossa 4, entre 251 fragmentos com um peso de 5.733kg e 22.8g de média por fragmentos, sendo 217 bojos e 34 classificáveis (13.5%). Finalmente, na Fossa 5 foi registado um total de 661 fragmentos, com um peso de 21.987kg e uma média por fragmento de 33.2. Destes, 538 são bojos e 123 são classificáveis (18.6%). Já na secção do Fosso 1 recolheu-se um total de 541 fragmentos com um peso de 15.714kg e 29g de média por fragmento, sendo 453 bojos e 88 bordos (16.3%).

Desta forma, observa-se que a percentagem de peças classificáveis nas várias estruturas tem uma variação relativamente baixa, entre 13.5% e 18.5%, o que sugere a inexistência de uma selecção de fragmentos, mantendo-se uma proporção relativamente estável nos bojos e nos fragmentos classificáveis (Gráfico 1).

O mesmo parece decorrer do peso médio por fragmento em cada estruturas, com valores entre 20 e 33 (Gráfico 1). O valor de peso médio mais alto ocorre na Fossa 5 e está claramente inflacionado pelos já referidos quatro grandes fragmentos de recipientes da deposição associada à haste de cervideo (ver ponto 4.4.6). Se excluirmos estes quatro fragmentos da equação o peso médio por fragmento da Fossa 5 passa para 27g, fazendo com os valores fiquem todos num intervalo de 20 – 29g, reforçando a ideia de uma intensa fragmentação das cerâmicas, de uma não selecção de fragmentos, e do carácter diferenciado da deposição dos grandes fragmentos associados à haste de cervideo.

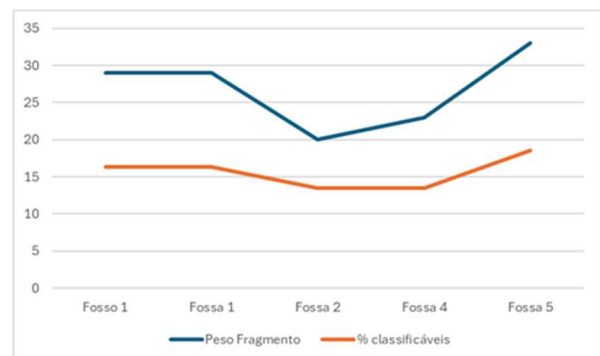
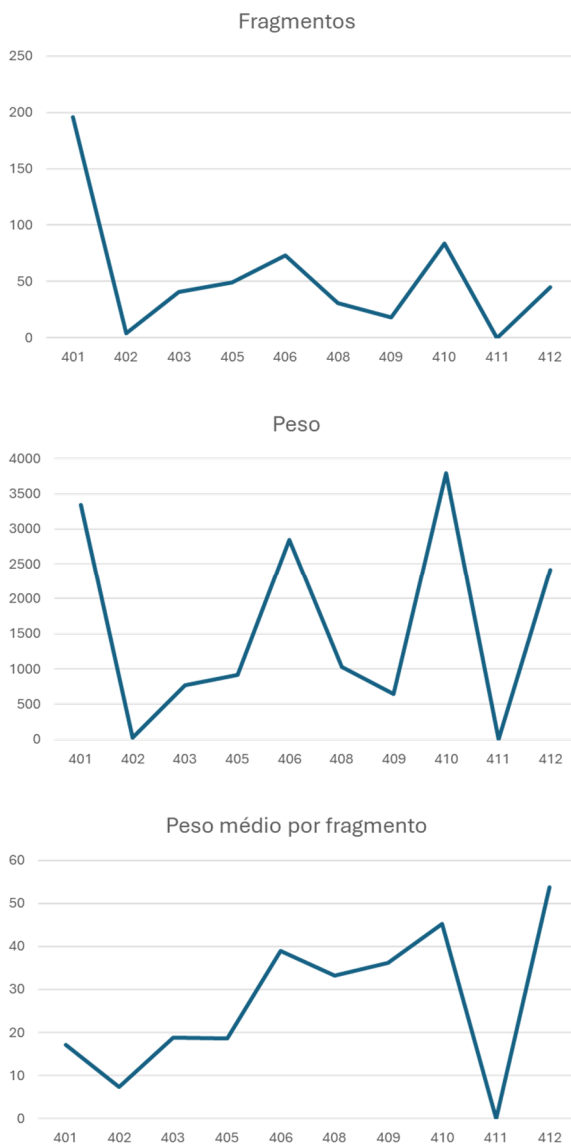


Gráfico 1 – Peso médio por fragmento e % de fragmentos classificáveis por estrutura.

Em termos da distribuição dos fragmentos cerâmicos é ainda interessante analisar o comportamento ao longo dos enchimentos do Fosso 1 (Gráficos 2 a 4). Assim, há três picos de maior concentração de cerâmicas, correspondendo ao depósito inicial, ao depósito intermédio [406] e ao penúltimo depósito [410], que tanto se observam no número de fragmentos como no respectivo peso global. Contudo, quando olhamos ao peso médio por fragmento, verifica-se uma clara tendência para fragmentos mais pequenos no topo dos enchimentos e que vão aumentando de tamanho ao longo da sequência até à base, onde se concentram os maiores (excepção feita à [411], que não forneceu cerâmicas).

Os depósitos apresentam, com exclusão do calço da erosão localizada da parede norte do fosso, uma disposição muito

horizontalizada e com diversos momentos de preenchimentos formando aglomerados pétreos igualmente horizontalizados, apontando para preenchimentos de origem antrópica. As quantidades maiores de fragmentos cerâmicos parecem relacionar-se sobretudo com depósitos com pouca pedra, sendo que o empedrado [406] é exceção, contrariando o que se observa entre os aglomerados pétreos [402], [408], [409] e [411]. Parece, assim, existirem intermitências nas formas de preenchimento do fosso e nos materiais cerâmicos integrados no vários depósitos, mas relacionando a evolução observada com o tamanho dos fragmentos (indicado pelo peso médio por fragmento), nota-se uma alteração significativa posterior ao aglomerado pétreo [406], com uma diminuição do número de fragmentos e do seu tamanho, que se mantém quando o número aumenta no depósito de topo, eventualmente relacionável com processos mais naturais de enchimento desta parte superior do fosso.



Gráficos 2 (N° de fragmentos), 3 (peso dos fragmentos) e 4 (peso médio por fragmento).

Na análise tipológica foram selecionados os conjuntos do Fosso 1, Fossa 1 e Fossa 5, totalizando 306 fragmentos classificáveis (Tabela 2), que permitiram construir uma primeira tabela de formas. Esta é composta por 10 tipos (seis deles subdivididos em subtipos), fragmentos de base, carena, mamilos e fragmentos indeterminados.

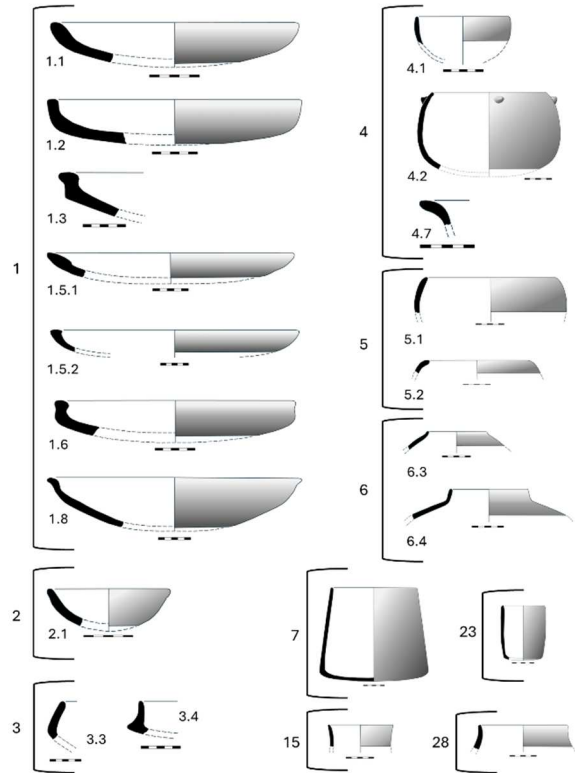


Figura 17 – Tabelas de formas de recipientes cerâmicos.

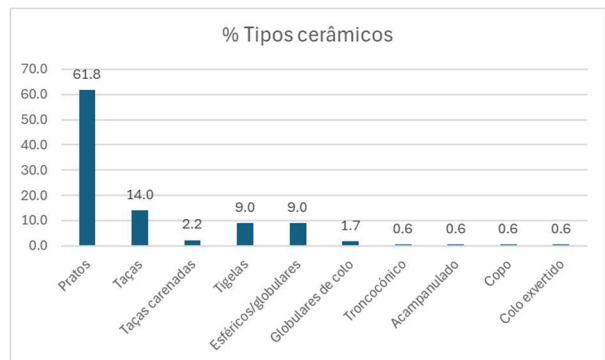


Gráfico 5 - Percentagens de recipientes cerâmicos por tipos.

A classificação realizada revela um claro predomínio dos pratos, com quase 62%, sobre as outras formas (Gráfico 5) e, dentro deste tipo uma grande variabilidade de subtipos (Gráfico 6) que se relacionam sobretudo com diferentes morfologias dos bordos. Seguem-se taças, tigelas e esféricos/Globulares com percentagens entre 9 e 14% e, com baixa representatividade, taças carenadas, globulares de colo, troncocónicos, copos, recipientes de colo exvertido e perfil sinuoso, com percentagens entre 0.6 a 2.2, que na maioria correspondem a apenas um exemplar.

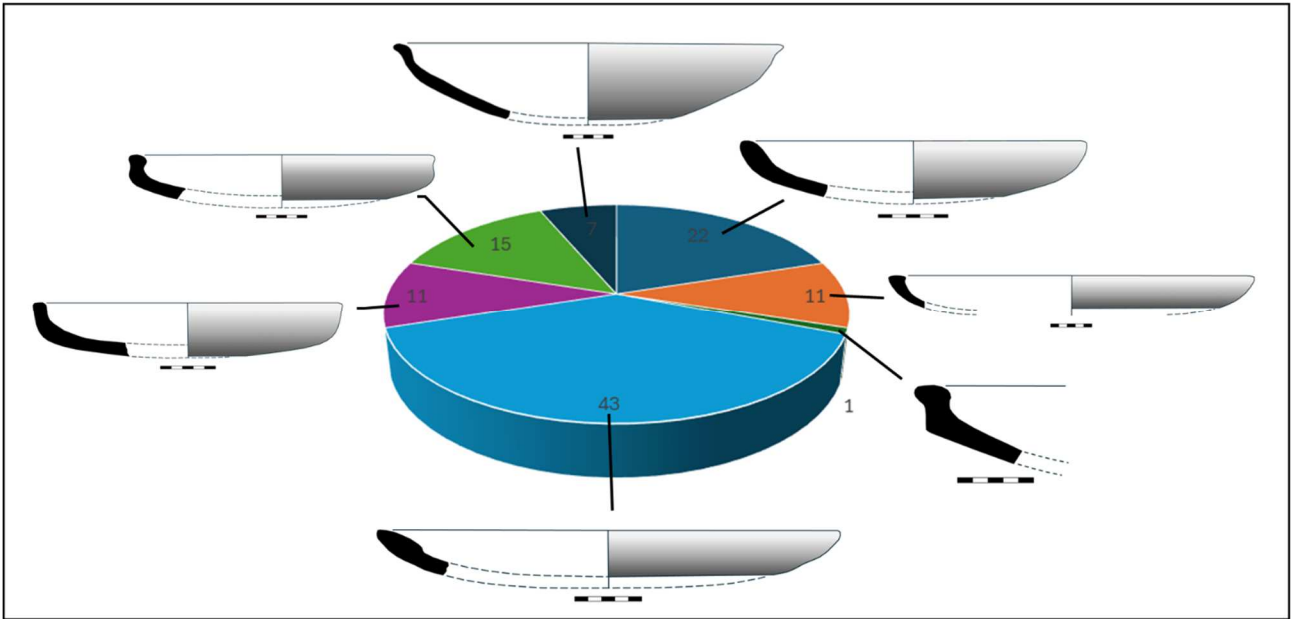


Gráfico 6 – Variabilidade de subtipos de pratos.

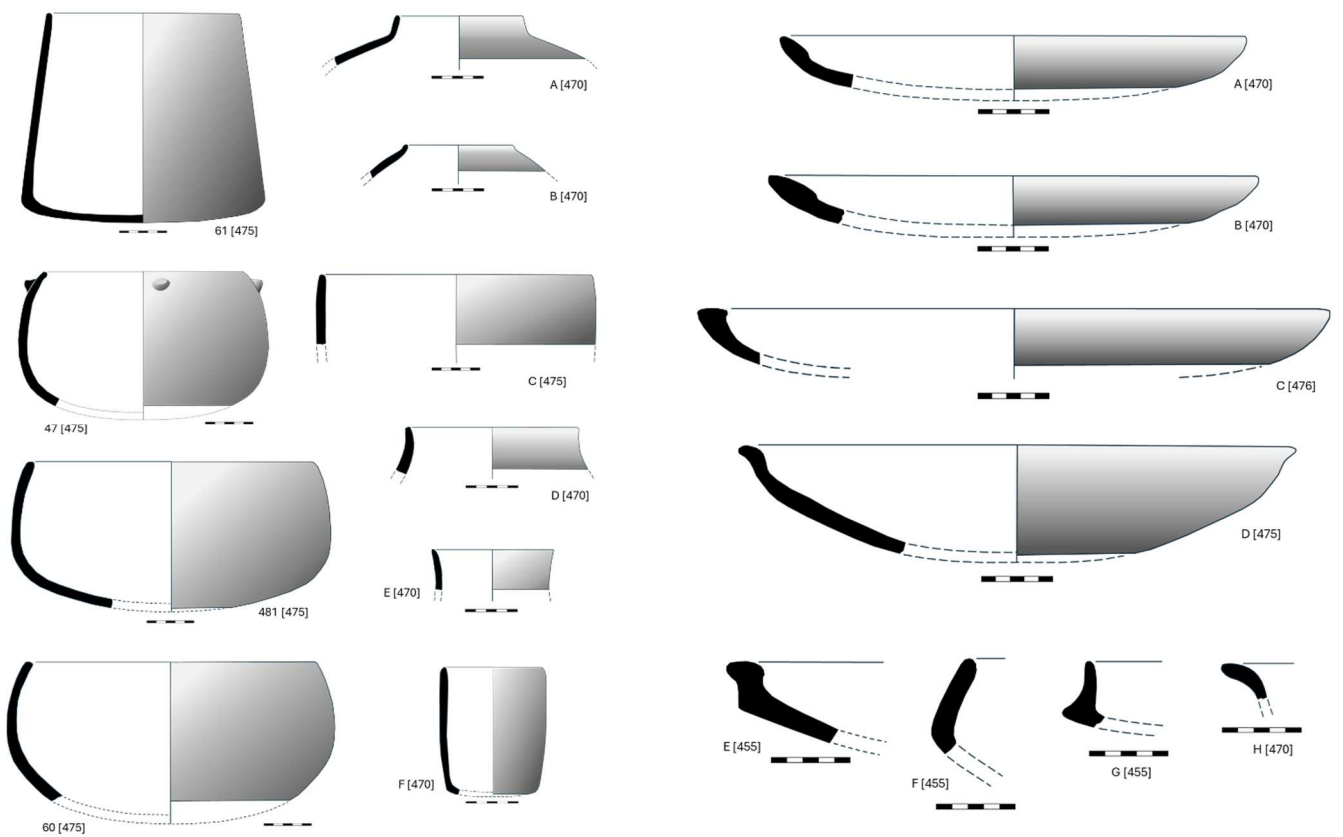


Figura 18 – Recipientes cerâmicos.

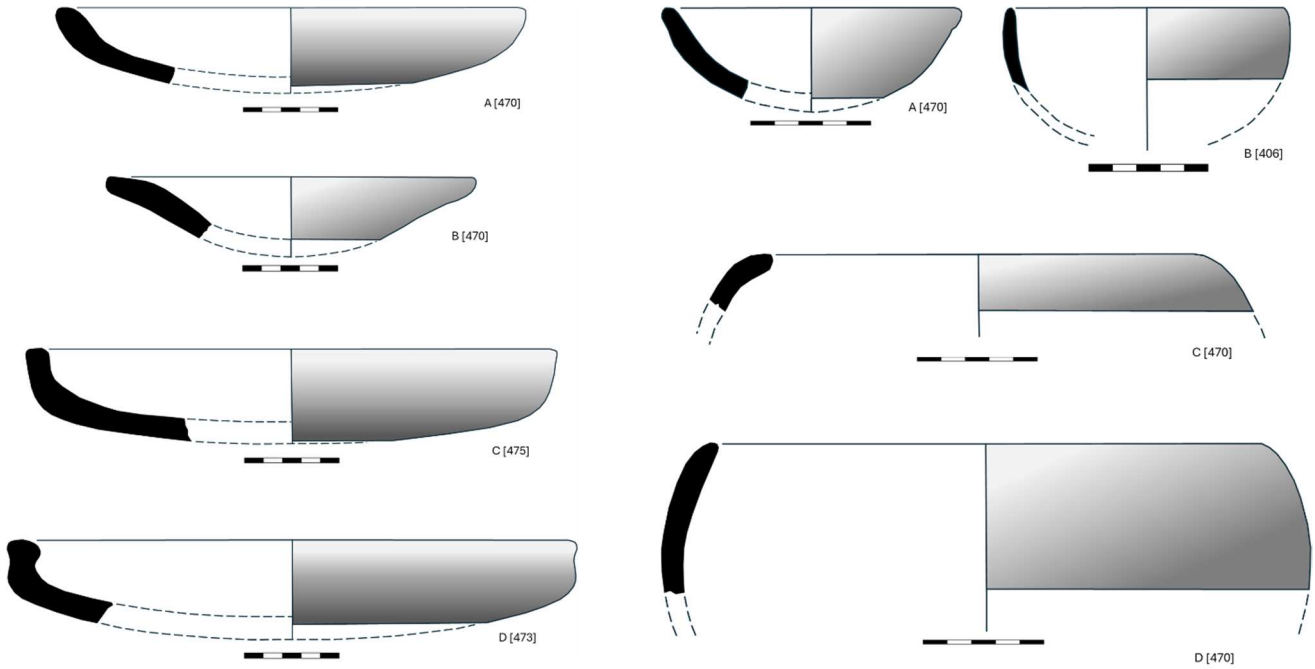


Figura 19 – Recipientes cerâmicos.

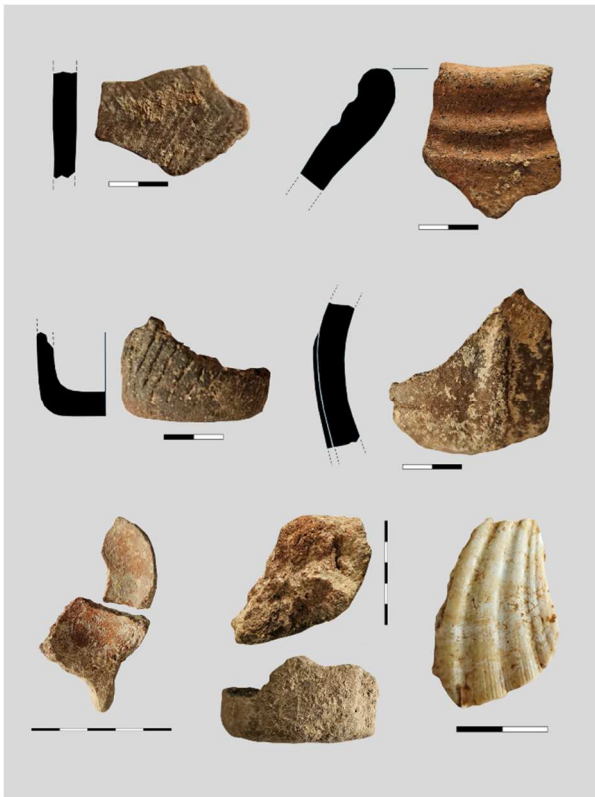


Figura 20 – Fragmentos de cerâmica decorados; fragmento de colher, fragmento de idolo de Cornos fragmento de concha de *Pecten maximus*.

A decoração é muito rara, tendo sido identificada em apenas cinco fragmentos. Três apresentam decoração incisa (caneluras, espinhado e traços diagonais), um apresenta impressões puncionadas e outro um cordão plástico vertical. Em função do total de fragmentos cerâmicos registados, estes cinco fragmentos representam 0.15% (Figura 20).

Considerada ainda dentro da categoria genérica de recipientes cerâmicos, há ainda que sublinhar a presença de dois fragmentos de uma pequena colher de cabo curto.

### 5.2. Pesos de tear

Foram registados na totalidade 97 fragmentos de pesos de tear e um peso inteiro. A maioria é naturalmente proveniente da Sondagem 4 (86 exemplares), sendo 9 provenientes da Sondagem 3 e 2 provenientes da Sondagem 5. Na Sondagem 4, concentram-se na Fossa 1 (43), sobretudo no depósito [455] (409). 10 foram recolhidos no Fosso 1, 11 na Fossa 2, 5 na Fossa 4, 8 na Fossa 5 e 9 à superfície/contextos revolidos da sondagem (Tabela 3).

Tomados na globalidade, estes pesos revelam uma clara predominância dos crescentes (81 exemplares – 84%) sobre as placas (16 exemplares – 16%), sendo que nestas estão apenas presentes peças com uma perfuração por topo. Entre os crescentes existem diferenças assinaláveis ao nível do tamanho e espessura e, nas secções, a variação entre secções circulares, elipsoidais ou aplanadas apresenta valores aproximados. Entre as placas a variabilidade está

presente sobretudo na largura, sendo que apenas uma peça se apresenta anormalmente espessa.

Observa-se, assim, que os pesos de tear ocorrem em todas as sondagens e praticamente em todas as estruturas escavadas, ainda que com números diferenciados, com destaque para a Fossa 1, que congrega 44% das ocorrências, sendo 41% correspondentes a apenas uma unidade estratigráfica [455]. Trata-se de uma fossa situada no interior do recinto definido pelo Fosso 1 e, se lhe somarmos os números da outra fossa interior (Fossa 5), então teremos 53%, sugerindo que a actividade da tecelagem teria alguma relevância nesta área central do complexo de recintos



Figura 21 – Fragmentos de pesos de tear (UE455, Fossa 1).

### 5.3. Pedra talhada, pedra polida e elementos de moagem

A pedra talhada, e se exceptuarmos o abundante material talhado sobre seixos rolados de quartzito, representa um número relativamente baixo de registos. Estão presentes algumas lascas, segmentos de lâminas retocadas, duas pontas de seta, três furadores e quatro percutores, para além de uma tampa de xisto, de uma ponta de jaspe retocada e seis dezenas de fragmentos inclassificáveis de quartzito. Contudo, a maioria do material lítico talhado corresponde a indústria sobre seixos de quartzito, conjunto ainda não analisado, sendo que o número contabilizado (246) engloba seixos não talhados, seixos talhados, núcleos e lascas e material de debitação. No restante material predomina o quartzito nas lascas e nos fragmentos inclassificados, estando o sílex está essencialmente relacionado com os segmentos de lâminas retocados.

No que respeita à pedra polida, os números são mais reduzidos, com dois machados inteiros e um fragmento de machado e um martelo, todos em anfibólito. Já os elementos de moagem, em granito, apresentam uma representatividade expressiva. Foram registados seis dormentes e nove moventes, sendo que uma peça é simultaneamente dormente de um lado e movente do outro e um dormente apresenta utilização de dupla face. É importante destacar que a maioria dos dormentes é de grandes dimensões e que, no caso do de dupla face, se observa uma intensa utilização. Note-se que os grandes dormentes estavam integrados no aglomerado pétreo [473] na Fossa 5, no interior do recinto central definido pelo Fosso 1.

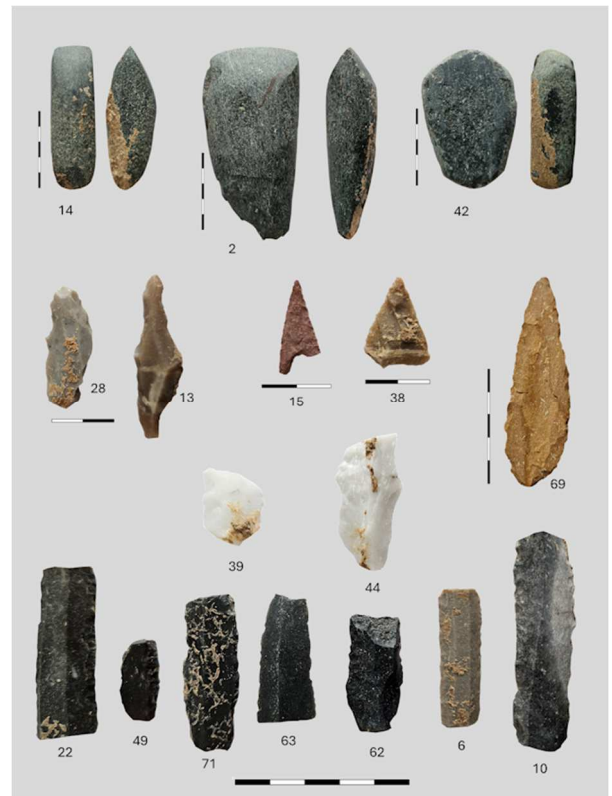


Figura 22 – Indústria lítica polida e talhada.



Figura 23 – Indústria lítica polida de moagem.

#### 5.4. Elementos do sagrado

Quanto a elementos mais directamente relacionáveis com o sagrado apenas se recolheu um fragmento de valva convexa de *Pecten maximus* (Fosso 1) e um fragmento de base de um “Ídolo de Cornos”, proveniente da superfície da Sondagem 5.

#### 5.5. Argilas de construção

Nesta campanha foram ainda recolhidos fragmentos de argila, vários dos quais apresentavam negativos de pequenos ramos e que corresponderiam a parte de estruturas positivas de ramagens entrelaçadas e revestidas a argila. Num total de 51 fragmentos, a grande maioria é proveniente da Sondagem 4 (86%), sendo que 61% foram registados do topo da Fossa 5, e os restantes 14% na Sondagem 5.

#### 5.6. Restos faunísticos

Os restos de fauna recolhidos são relativamente abundantes, sobretudo na Sondagem 4, nomeadamente no Fosso 1 e Fossas 1 e 5, e o seu estudo arqueozoológico será oportunamente realizado. De momento, é apenas possível dizer que dominam as faunas mamalógicas, onde estão representadas espécies como *Sus*, *Bos*, *Ovis/Capra*, *Cervus*, *Equus* e lagomorfos, estando também presente alguma fauna malacológica.

### 6. Cronologia absoluta

A datação de recintos de fossos, nomeadamente dos de grandes dimensões e longa diacronia, é uma tarefa difícil e dispendiosa, não só pela multiplicidade de estruturas e contextos presentes que necessitam de ser referenciados cronologicamente para a construção de uma biografia do sítio, mas também pelas dinâmicas de mistura que caracterizam estas longas ocupações e que geram frequentemente *outleirs*. Esta última circunstância é sobretudo comum nos enchimentos dos fossos, onde uma data é manifestamente insuficiente, não só para estabelecer a temporalidade desse processo de colmatação, como eliminar a possibilidade de desvio por incorporação de material mais antigo. Assim, são necessários programas de datação que contemplem séries de datas para sequências de enchimentos de fossos, assim como para outras estruturas e contextos. Trata-se de um processo caro e progressivo, mas essencial para a adequado enquadramento cronológico deste tipo de sítios e para a compreensão das suas dinâmicas internas.

Assim, o programa de datação absoluta do recinto de São Brás 3 iniciou-se com a obtenção de dez datas (Tabela 1), o que o transforma já num dos recintos de fossos portugueses com mais datações, ainda que longe do mais bem datado (Perdigões, com duas centenas de datas). Das dez datas, sete foram obtidas para a sequência de enchimento do Fosso 1, uma data para a Fossa 2 e outra para a Fossa 5, todas na sondagem 4, e a restante para o topo do enchimento da Sanja 1 na Sondagem 5. Globalmente, os resultados são muito homogêneos, enquadrando todas estas estruturas na primeira metade do 3º milénio a.C., genericamente entre 2900 e 2550 a.C. (Figura 24).

Tabela 1 – Datações de radiocarbono para o recinto de S. Brás 3 obtidas no âmbito da campanha de 2025.

S	Est.	UEs	Sample	Lab.Ref.	DataBP	Cal.2σ	δ <sup>13</sup> C	δ <sup>15</sup> N	C/N
4	Fossa5	475	Sus Sp.	FTMC-NN30-2	4292±33	3011-2877	-19.59	6.44	3.18
3	Sanja1	308	Sus Sp.	FTMC-NN30-5	4097±33	2866-2498	-20.69	4.66	3.22
4	Fossa2	434	Ovisc	FTMC-NN30-10	4162±32	2880-2630	-19.92	6.64	3.45
4	Fosso1	401	Fauna	FTMC-SY37-1	4167±35	2883-2631	-20.21	5.25	3.42
4	Fosso1	402	Fauna	FTMC-SY37-2	4161±38	2883-2625	-20.63	4.78	3.29
4	Fosso1	403	Fauna	FTMC-SY37-3	3979±33	2578-2351	-19.63	4.03	3.42
4	Fosso1	406	Fauna	FTMC-SY37-4	4339±38	3082-2891	0	0	3.41
4	Fosso1	408	Fauna	FTMC-SY37-5	4146±37	2878-1584	-19.59	0	3.39
4	Fosso1	410	Fauna	FTMC-SY37-6	4143±35	2876-2584	-20.19	3.97	3.45
4	Fosso1	412	Fauna	FTMC-SY37-7	4186±35	2891-2633	-20.25	4.01	3.41

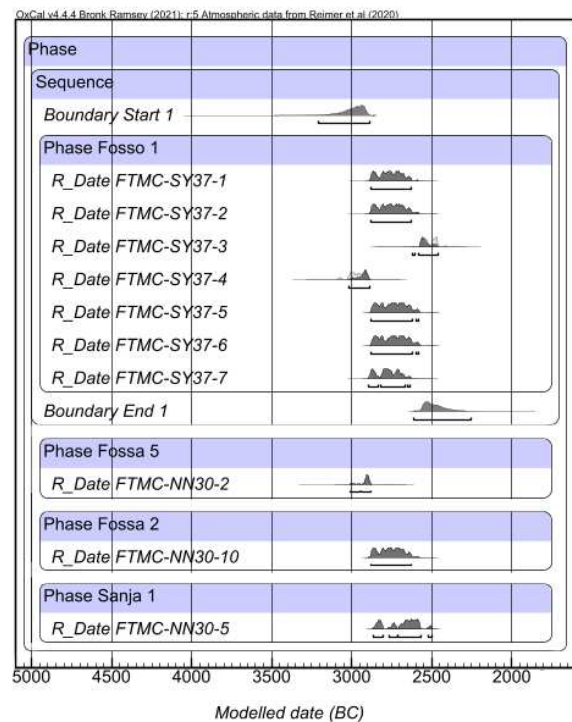


Figura 24 – Modelação bayesiana das datas obtidas para as diferentes estruturas como fases sobrepostas ( $A_{\text{model}}=101.6$ ).

### 7. Discussão

A abordagem ao complexo recinto de fossos de São Brás 3 no âmbito do projecto de investigação programada *NUCLEUS* tem como principal objectivo a caracterização da sua área central, num processo comparativo com a imagem que tem vindo a ser proporcionada pela investigação da área central dos Perdigões, a qual tem revelado uma intensa, longa e extraordinariamente complexa ocupação (Valera, 2026), mas também a forma como o sítio se integra e relaciona no contexto do povoamento regional.

Relativamente ao primeiro objectivo, a intervenção de 2025 apenas proporcionou uma primeira impressão, tanto mais que o centro do complexo de recintos não foi abrangido pelas sondagens, mas apenas troços das estruturas negativas que o delimitam. O que está no interior desses limites está ainda por caracterizar.

De facto, e no que respeita ao espaço do recinto central delimitado pelo Fosso 1, apenas as Fossas 1 e 5 foram escavadas, e sobre a área intermédia entre os Fosso 1 e 2 a informação resume-se às fossas 3 a 5. Contudo, alguns aspectos resultantes desta primeira intervenção na área nuclear de São Brás 3 podem ser já sublinhados.

O recinto mais interior de São Brás 3 é de pequenas dimensões, tanto no que respeita à área encerrada (com cerca de 26m de diâmetro, correspondendo a 531m<sup>2</sup>), como à dimensão do fosso que o delimita, ao qual não existiria aparentemente qualquer tipo de estrutura positiva associada. Estrutura facilmente transponível, que seria essencialmente delimitadora de um espaço, onde os impedimentos à entrada seriam mais normativos que físicos, a não ser que servisse, em determinado momento, de fundação de uma paliçada posteriormente desmontada. A área delimitada aproxima-se da do Outeiro Alto 2 (562m<sup>2</sup>), aos recintos interiores do Monte da Laje (434m<sup>2</sup>) e da Folha do Ouro (637m<sup>2</sup>) ou ao recinto intermédio de Borralhos (472m<sup>2</sup>), todos em Serpa. Já o Fosso 2 é claramente de maiores dimensões e delimita uma área que rondará os 65m de diâmetro, com 3318m<sup>2</sup>.

Quanto à cronologia, apesar da componente material recolhida à superfície sugerir a existência de uma fase atribuível ao Neolítico Final (Soares *et al.*, 2025), não foram registados nesta campanha contextos que lhe possam ser atribuíveis. Trata-se, até ver, de uma diferença relativamente aos Perdígões, onde o centro é o único o local onde toda a diacronia do sítio está representada.

Com os dados actualmente disponíveis, a diacronia da ocupação do centro de São Brás 3 parece ser mais restrita e enquadrar-se apenas na primeira do 3º milénio a.C.. Nesse mesmo sentido, se os abundantes materiais de superfície apontam para que o sítio possa recuar à segunda metade do 4º, neles nada indica um inequívoco prolongamento pela segunda metade do 3º. A cerâmica campaniforme está, por enquanto, ausente (curiosamente presente no vizinho povoado de São Brás 1), a expressão da metalurgia do cobre, que precisamente se intensifica em meados/terceiro quartel desse milénio, é residual e está ausente do registo das escavações de 2025 e os diferentes elementos registados à superfície são também perfeitamente enquadráveis na primeira metade do 3º milénio a.C.. Outros recintos, contudo, apresentam datas da segunda metade do 3º milénio a.C. e também não têm campaniforme, nem evidenciam uma metalurgia desenvolvida (como, por exemplo, Santa Vitória), pelo que esta questão do espectro cronológico de São Brás 3 continuará matéria de investigação.

Por outro lado, o material agora recolhido é quase que exclusivamente de origem local/regional, evidenciando uma baixa interacção transregional e onde os materiais de carácter ideotécnico e de adorno são raros ou ausentes.

Assim, com as reservas que decorrem da ainda pouco expressiva área sondada e focada nas estruturas de delimitação, o centro de São Brás 3 não aparenta ter uma diacronia tão longa, nem uma complexidade contextual tão grande, como as observadas no centro dos Perdígões.

### 7.1. Uma primeira abordagem ao contexto local: relação com sítios coetâneos da periferia de São Brás 3.

Estes mesmos dados preliminares resultantes das escavações de 2025, associados ao material de recolhas de superfície já publicados, permitem também começar a analisar as eventuais relações entre o recinto de São Brás 3 e a sua periferia imediata. Trata-se, de momento, de uma abordagem que deve ser entendida como essencialmente exploratória e orientadora para o desenvolvimento da investigação. Nela foram tidos em consideração quatro contextos mais relevantes, mas com diferentes níveis de informação, que se situam num raio de 4km de São Brás 3 (Figura 25).

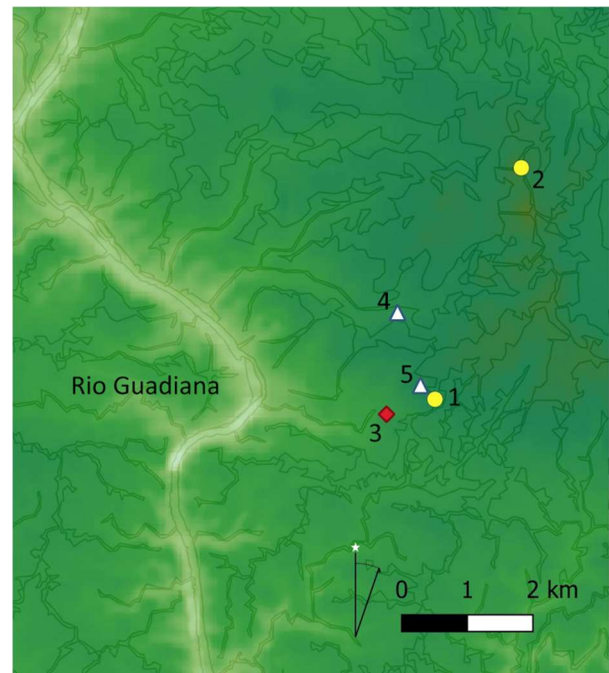


Figura 25 – São Brás 3 (1) e outros contextos relevantes periféricos que lhe têm sido coetâneos: 2. Recinto de Fossos do Alto da Forca; 3. São Brás 1; 4. Hipogeu de Santa Maria; 5. Fossa funerária de São Brás 11.

Destes quatro contextos, o que se apresenta mais distante (cerca de 3.5km) é o Alto da Forca, mas que se aproxima por corresponder aparentemente a um recinto de fossos. Sobre ele há muito pouca informação, a qual se reporta a um minimalista relatório relativo a uma intervenção realizada no âmbito da minimização da construção de um depósito de água (Silva, 1997).

O sítio está implantado no topo de uma elevação junto a Serpa, onde foram construídos dois reservatórios. Do que se depreende do relatório, os trabalhos intervieram várias estruturas negativas, entre as quais um troço de fosso, as quais são atribuídas a um “Neolítico Final/Calcolítico estendendo-se possivelmente no caso de uma delas até ao Calcolítico Pleno” (*Idem*: 1). Refere-se a recolha de restos faunísticos e de fragmentos cerâmicos com bordos simples e bordos espessados. Esta informação sugere que, pelo menos em parte, o recinto terá sido contemporâneo de São Brás 3.

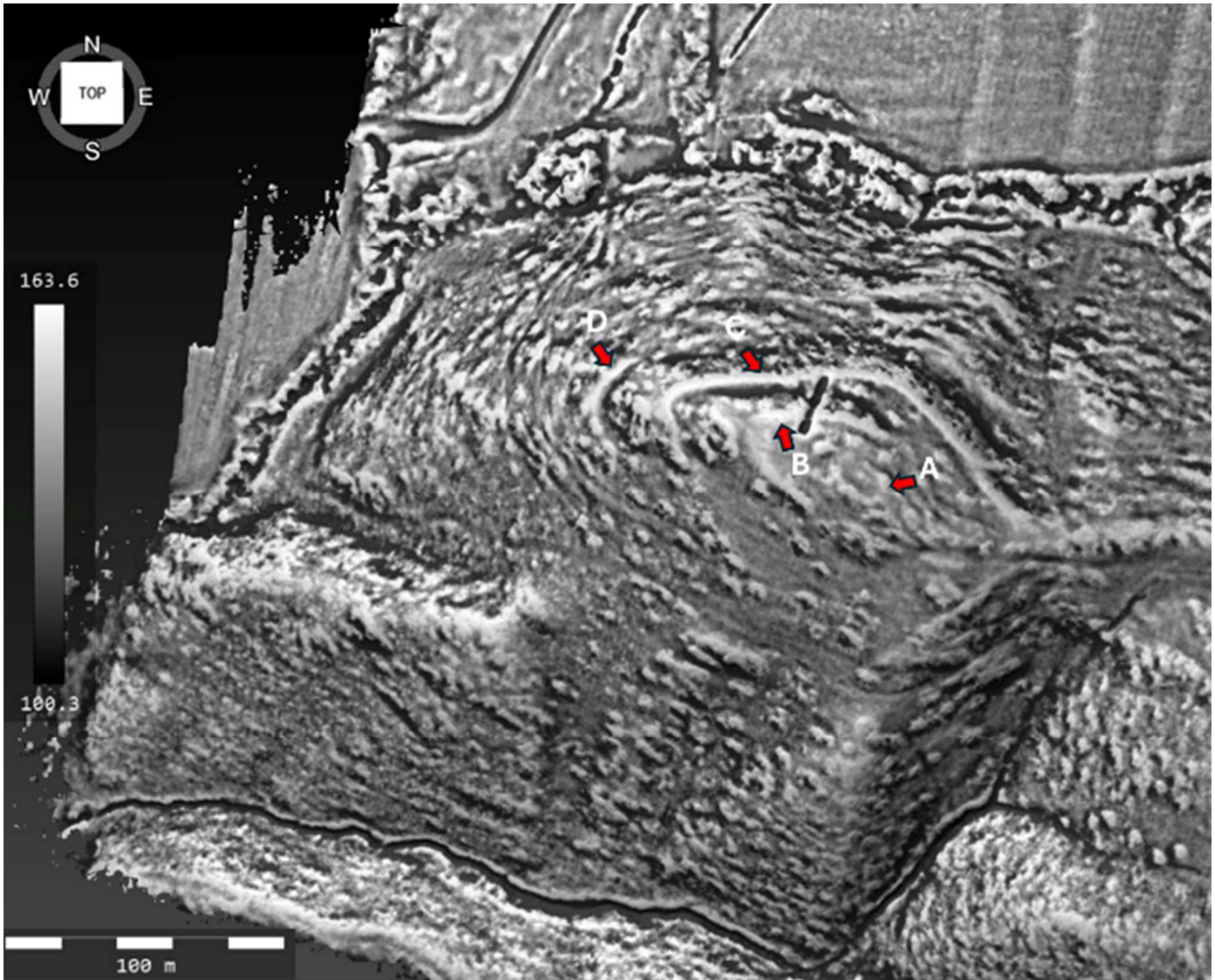


Figura 26 – Imagem LIDAR de São Brás 1 (cortesia de João Fonte). As setas vermelhas assinalam estruturas ou possíveis estruturas em positivo (em pedra) e as letras identificam-nas. É visível a sondagem realizada em 1979/80, que atravessa o muro B e termina junto ao muro C, estruturas que correspondem às referidas duas linhas de muralha na publicação de 1983 (Parreira, 1983).

Relativamente a São Brás 1, que se situa a apenas 650m a sudoeste dos limites do recinto de São Brás 3, a relação parece inevitável, até porque, para além da mais que provável contemporaneidade, pelo menos parcial, existe uma relação visual directa.

Localiza-se num cabeço de vertentes muito acentuadas, delimitado por duas linhas de água. Na publicação preliminar das escavações de 1979 e 1980 é apresentado como povoado fortificado com duas linhas de muralha (Parreira, 1983), e assim tem vindo a ser assumido até ao presente.

Essas duas linhas de muro identificadas no século passado são bem visíveis na imagem LIDAR do cabeço, correspondendo às linhas identificadas como B e C na figura 26. Porém, aparecem mais duas, uma mais interior, que aparenta definir um pequeno recinto ovalado mais interior no topo do cabeço (identificada como A) e outra mais exterior, em plena vertente Oeste (identificada como D).

O Muro B corresponde ao muro aa, “a muralha interna” na publicação de 1983. Contudo, tem apenas cerca de 0.65m de espessura, o que permite questionar a sua interpretação como “muralha”. De facto, não só o muro é estreito, como também apresenta a sua face interna “mal delineada” (Parreira, 1983: 161) ao contrário da externa, sendo que, dado o declive, uma menor preservação seria mais espectacular pelo lado exterior.

Mais que uma muralha, esta construção parece coadunar-se melhor com uma estrutura destinada a criar um socalco, gerando uma plataforma que permitisse a ocupação de uma vertente extremamente declivosa, o que se articula bem com o facto de, na imagem LIDAR, esta estrutura não definir um recinto, não fechando do lado Este, precisamente o de acesso ao cabeço.

No mesmo sentido vai a descrição feita em 1983 relativa aos contextos intervencionados junto a essa segunda linha:

“Na zona onde se formaram estes estratos mais recentes define-se uma plataforma inferior, que termina por declive abrupto, assinalando o que se pensa ser uma outra cintura de muralha [C na imagem LIDAR], embora a escavação não tenha detectado ainda qualquer estrutura, que poderá estar a maior profundidade” (Parreira, 1983: 162),

Uma vez mais, esta linha não define um recinto na imagem LIDAR, não fechando a Sul, sugerindo mais a construção de uma extensa plataforma para a ocupação de vertente. E o mesmo se pode dizer relativamente à estrutura designada como D na imagem LIDAR, a qual parece corresponder apenas a um pequeno troço de soalco em plena vertente Oeste. Já a possível estrutura A, localizada no topo e centro do cabeço, é a única que parece efectivamente definir um recinto, que, contudo, apresenta dimensões muito reduzidas, com um comprimento máximo interno que rondará os 15m.

Mais do que um recinto muralhado e fortificado, São Brás 1 poderá corresponder a um sítio ocupado por plataformas, sendo a função das estruturas pétreas presentes, e anteriormente interpretadas como muralhas, a da criação dos soalcos que permitiram a ocupação do acentuado declive.

Construções destinadas à criação de plataformas em vertentes de acentuado declive, permitindo aumentar a área habitável do sítio, foram também reconhecidas no sítio calcolítico do Monte do Tosco 1 (Valera, 2013). Neste sítio, na sua vertente sul, foi construída uma estrutura pétreia com um paramento exterior bem definido composto por fiadas de pedras de médias dimensões, ao qual encostavam pelo interior pedras de menores dimensões e sem um paramento definido, servindo de contenção e proporcionando uma plataforma horizontalizada onde se registou um troço de muro de possível cabana circular (Figura 27).

Seja como for, em face das dimensões e proximidade espacial, São Brás 1 poderá ser considerado como um contexto habitacional satélite de São Brás 3, eventualmente com alguma funcionalidade específica ainda por descortinar, e que foi, pelo menos parcialmente, coevo de São Brás 3. Ainda que as duas datações de radiocarbono existentes não sejam de grande utilidade, pelos elevados intervalos e clara discordância com a cultura material dos contextos a que se reportam (ver crítica em Valera, 2024), o estudo da componente material evidencia uma ocupação que certamente se terá iniciado dentro da primeira metade do 3º milénio a.C., prolongando-se depois pela segunda metade e revelando mesmo a presença de algum material da Idade do Bronze (Agosto, 2021). Prolongamento esse que obriga a perguntar por que razão, de acordo com a informação actual, São Brás 1 se prolongou mais no tempo, recebendo cerâmica campaniforme e revelando a capacidade de atrair a deposição do conjunto metálico conhecido como Depósito de São Brás (Soares, 2013; Valério *et al.*, 2018). Ou, por outras palavras, quais as razões para o não prolongamento de São Brás 3, de incomparável maior dimensão e complexidade. Se estas questões têm relevância histórica ou decorrem apenas do carácter ainda preliminar da investigação nestes contextos, é matéria que se pretende também abordar com o projecto em curso.



Figura 27 – Foto e excerto do plano de uma estrutura de soalco que permitiu a criação de uma plataforma de ocupação (onde é visível parte de um muro de possível cabana circular) na vertente sul do povoado do Monte do Tosco 1 (Valera, 2013: 93 e 98).

#### 7.1.1. – Uma periferia funerária.

Na Península Ibérica, a componente funerária é praticamente ubíqua no que respeita aos recintos de fossos de grandes dimensões e São Brás 3 não é excepção.

À superfície foram já recolhidos restos osteológicos humanos (Soares *et al.*, 2025), o que indicia a presença de contextos funerários no interior do sítio ou a manipulação de restos humanos fora desse tipo de contextos formais, como está documentado em vários recintos peninsulares (Evangelista, Valera, 2019).

Mas, igualmente à imagem de outros grandes recintos, como o Porto Torrão, Valencina de la Concepción ou os Perdigões, também na periferia de São Brás 3 foram recentemente identificados e intervencionados contextos funerários que com ele provavelmente se articulariam.

É o caso de São Brás 11, local situado 400m a noroeste de São Brás 3, onde se intervencionaram várias estruturas negativas calcolíticas (Portal do Arqueólogo), sendo que uma revelou uma intensa utilização funerária.

Já um pouco mais distante, cerca de 1330m igualmente a Noroeste dos limites de São Brás 3, foi intervencionado o hipogeu de uso colectivo de Santa Maria 3 (Pereiro, 2025), o qual foi já datado e cuja publicação se encontra em fase de elaboração monográfica. As três datações realizadas enquadram-se genericamente no primeiro quartel do 3º milénio a.C. (Figura 28), ou seja, revelam uma coetaneidade plena entre a utilização deste sepulcro e os contextos intervencionados na área central de São Brás 3.

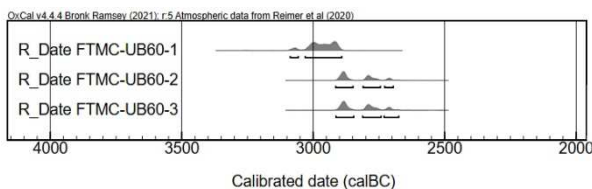


Figura 28 – Aspecto das deposições funerárias na câmara do hipogeu de Santa Maria 3 e representação gráfica dos intervalos obtidos para as três datações realizadas.

Dadas as dimensões e complexidade evidenciadas por São Brás 3 através do magnetograma geofísico, e tendo em conta as imagens proporcionadas por outros grandes recintos ibéricos, estes contextos funerários poderão ser uma espécie de “ponta de um iceberg” de áreas de necrópole que envolveriam e se articulariam com o complexo de recintos, servindo-o a ele e a outros contextos periféricos, como São Brás1 ou mesmo Alto da Forca.

## 8. Nota final

Depois de um longo tempo a ser submetido a prospecções de superfície que anunciavam a sua importância, o complexo de recintos de fossos de São Brás 3, com os trabalhos de prospecção geofísica e início de um projecto de investigação programada, entra definitivamente na agenda da investigação dos recintos de fossos e do papel que desempenharam na trajectória de complexificação social que caracteriza o Sudoeste Peninsular genericamente entre 3500 e 2200 a.C.. Os resultados da campanha de 2025, a primeira de quatro previstas no âmbito do projecto *NUCLEUS*, ainda que limitados e parcelares, introduzem já uma série de novos dados que permitem começar a pensar o sítio e a sua relação com outros contextos coevos, locais e regionais. Simultaneamente, levantam uma série de novas questões que orientarão a pesquisa futura sobre um sítio que revela um

enorme potencial para o conhecimento deste tipo de contextos e das sociedades que lhes deram origem. Importância que aumenta em face do número muito reduzido de projectos de investigação programada concluídos ou em curso sobre recintos de fossos e da acelerada afectação e inviabilização de acesso científico a muitos deles, nomeadamente aos de maiores dimensão e complexidade.

## Referências Bibliográficas

- AGOSTO, F. (2021) – *O Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa) no 3º milénio a.n.e.: materialidades e problemáticas de uma especificidade cultural no extremo Sul do Sudoeste ibérico*. Dissertação de mestrado apresentada à FLUL. Lisboa. policopiado.
- EVANGELISTA, L.S.; VALERA, A.C. (2019) – Segmenting and depositing: the manipulation of the human body in ditched enclosures seen from Perdígões. In: A.C. Valera (Ed.), *Fragmentation and depositions in Pre and Proto-Historic Portugal*. Lisboa. NIA-Era Arqueologia: 47-69.
- PARREIRA, R. (1983) – *O Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa)*. Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980. *O Arqueólogo Português*. Série IV (1): 149-168.
- PEREIRO, T. (2025) – *Santa Maria 3. Sondagens Arqueológicas. Relatório dos trabalhos arqueológicos*. Era Arqueologia.
- SILVA, A.J.M. (1997) – *Relatório dos trabalhos de escavação arqueológica efectuados no Alto da Forca (S.Maria, Serpa, Beja) de 14 a 17 de Abril de 1998*. Coimbra.
- SOARES, A.M.; SÉRGIO, J.R.; MELO, L.; SOARES, S. (2025) – São Brás 3 – um sítio de planície do Neolítico e Calcolítico nos arredores de Serpa (Baixo Alentejo), *Actas do XII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Aljaraque, Huelva)*: 37-48.
- SOARES, J. (2013) – *Transformações sociais durante o III milénio AC no sul de Portugal. O povoado do Porto das Carretas*. Memórias d’Odiana. EDIA.
- VALERA, A.C. (2013) – *As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana. 2ª metade do IV aos inícios do II milénio AC*. Memórias d’Odiana 6. Edia.
- VALERA, A.C. Coord. (2014) – *Bela Vista 5. Um recinto do Final do 3º milénio a.n.e. (Mombaja, Beja)*. Era Monográfica 2. Lisboa. NIA-Era.
- VALERA, A.C. (2018) – *Os Perdígões Neolíticos. Gênese e desenvolvimento (de meados do 4º aos inícios do 3º milénio a.C.)*. Perdígões Monográfica 1. Lisboa. NIA-ERA.
- VALERA, A.C. (2024) – Ditched and walled enclosures of Late Prehistory in South Portugal: a brief comparative approach. in DINIZ, M., MARTINS, A., NEVES, C., ARNAUD, J. (Coords) - *Vila Nova de São Pedro e o Calcolítico no Ocidente Peninsular* - vol. 1, Estudos & Memórias, nº 22. UNIARQ-FLUL: 287-301.
- VALERA, A.C. (2026) – *Delimitando o centro dos Perdígões no 3º milénio AC: o Fosso 7*. Perdígões Monográfica 3. Lisboa. ERA-NIA.
- VALERA, A.C.; BASÍLIO, A.C. (2023) – *Santa Vitória (Campo Maior, Portalegre. O “primeiro” recinto de fossos*. Era Monográfica 7. Lisboa. NIA-ERA.
- VALERA, A.C.; PEREIRO, T. do (2025) – Monte da Laje e São Brás 3. Investigação e divulgação de recintos de fossos em Serpa (Beja). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 18: 9-21.
- VALERA, A.C., SIMÃO, I., NUNES, T., PEREIRO, T. DO, COSTA, C. (2017) – Neolithic ditched enclosures in Southern Portugal (4th Millennium BC): new data and new perspectives. *Estudos do Quaternário*. 17: 57-76. <http://www.apeq.pt/ojs/index.php/apeq>
- VALÉRIO, P.; SOARES, J.; ARAÚJO, M.F.; ALVES, C.L.; TAVARES DA SILVA, C. (2018) – The composition of the São Brás copper hoard in relation to the bell beaker metallurgy in the south-western Iberian Peninsula. *Archaeometry*. doi: 10.1111/arcm.12422

# OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA



## Série ERA Arqueologia (2000 – 2008)



## Série Perdigões Monográfica (2018 – 2026)



## Série ERA Monográfica (2013 – 2025)



## Publicação de workshops

